

Droga no trânsito

CELUY ROBERTA HUNDZINSKI*



Dez toxicólogos franceses estão empenhados na luta para que seja implantada uma lei que proíba usuários de drogas conduzirem. Um dossier foi endereçado aos deputados, que estão dispostos a discutir sobre o assunto.

Para o professor Claude Got, especialista em acidentologia, essa medida é inútil, pois, custaria caro em vista da comprovação de um baixo índice de acidentes causados por consumidores de drogas. Porém, o toxicólogo Patrick Mura realizou um estudo entre 2000 e 2001, mostrando que 20% dos condutores implicados em acidentes continham THC no sangue

(um dos dois princípios ativos da maconha – droga comumente usada); segundo ele: “Dizer que o laço entre acidentes de trânsito e o consumo da maconha não é claramente estabelecido é uma contraverdade...”¹ e alega que é preciso fazer algo agora, sem esperar que esse índice aumente e torne-se incontrolável.

Tal droga, tão difundida entre os europeus, não deixa de ser motivo de inquietação. O aumento do consumo tem sido progressivo causando danos, não somente aos usuários, mas à toda sociedade; sobretudo aos jovens e adolescentes, influenciados pela

"moda", que, depois de viciados, percebem os desgastes físicos e morais, tentando, com dificuldade, livrar-se dela. Muitos, obviamente, evoluem de uma droga a outra, estragando completamente suas vidas.

O que essa equipe propõe é que sejam feitas duas etapas de procedimento que funcionam bem nos Estados Unidos, Alemanha, e em alguns outros países da Europa: diante de um comportamento estranho do condutor, que seja verificado através do teste de teor alcoólico (*ethylo test*) se a causa é o álcool, não sendo, que efetue-se o exame de sangue para detectar a presença de substâncias psicoativas. Reivindicam também que, se apreendida a carteira do motorista por tal motivo, esta só lhe seja restituída

após o exame dos cabelos, que detecta se a pessoa realmente deixou o vício.

Não são poucos os que estão de acordo que esses procedimentos não seriam tão difíceis e custosos, como afirmam os que são contra a implantação da lei; pois, havendo uma maneira de "cortar o mal pela raiz", diminuindo, assim, o índice de acidentes e mortes, que seja aplicada, mesmo que isso pareça insignificante.

Se toda vez que uma lei fosse aprovada, outras, evitando as más consequências da primeira, fossem imediatamente postas em prática, o mundo não teria tantos absurdos causados pelo ser humano. Entretanto, na França, o problema vai mais além, pois a maconha é proibida, porém tolerada.

Impõe-se uma séria discussão!



*

CELUY ROBERTA

HUNDZINSKI é doutoranda em Filosofia (Universidade Paris X – Nanterre).

¹ Tradução minha.